

CLÁUDIO BRANDÃO

Ex-catedrático de português e de latim  
do Colégio Estadual de Belo Horizonte.

# SINTAXE CLÁSSICA PORTUGUÊSA

DEDALUS - Acervo - FFLCH-LE

Sintaxe classica portuguesa.



21300094410

469.52  
B817s

*Melius homines exemplis docentur,  
quae imprimis hoc in se boni habent quod  
approbant quae praecipiant fieri posse.*

*Melhor aprendem os homens com os  
exemplos, porque estes têm, antes de tudo,  
esta vantagem: provarem o que ensinam.*

(Plínio Júnior. Panegírico de Trajano, 45).

TOMBO: 116635



SBD-FFLCH-USP

SBD/FFLCH

BELO HORIZONTE — BRASIL

1963

## CAPÍTULO II

### ELEMENTOS DA FRASE

5. Tôda a frase ou proposição normal contém dois elementos fundamentais, lógicamente relacionados: o **sujeito** e o **predicado**.

6. **Sujeito** é o ser ao qual se atribui o enunciado verbal ou nominal do predicado: TROVÕES *ribombam*. DEUS *é misericordioso*. “o CÉU *estava meio enfarruscado*” (M. de Assis, D. Casm., 79). “Ó *Ermelinda, TU não ouves?*” (Júlio Diniz, As Pupilas do Sr. Reitor, 285). “Oh! *não incorras TU, alma minha, tão formidável êrro*” (Bernardes, Exercícios Espirituais, 2º, 543).

7. **Predicado** é o fato, o estado, a qualidade, o modo de ser que se atribuem ao sujeito. Nos exemplos acima apresentados, “*ribombam*”, “*é misericordioso*”, “*estava meio enfarruscado*”, “*não ouves*”, “*não incorras tão formidável êrro*”, são os predicados.

**Observação.** A definição corrente de sujeito é «o ser a respeito do qual se declara alguma coisa, o ser de que se afirma alguma coisa». Verdadeira para as frases expositivas, já não quadra esta definição a muitas das interrogativas, nem se ajusta às imperativas e optativas. Dizendo-se “*Chegou o correio?*”, nada se afirma acêrca do sujeito — *correio* —. Pede-se apenas uma informação sôbre êle. De igual modo, nas frases: “*Tratai (vós) da vossa vida*”, “*Não permita Deus tal coisa*”, nada se declara ou afirma dos sujeitos *vós* e *Deus*: na primeira dá-se uma ordem; na segunda, exprime-se um desejo. Essa ordem ou êsse desejo poderão ser ou não realizados pelos respectivos sujeitos, mas

faltam-nos muitas vêzes elementos para sabermos se os fatos ordenados ou desejados virão a verificar-se. Em casos tais, não se faz afirmação ou declaração alguma relativa ao sujeito: atribui-se-lhe sòmente, como possível ou não a êle, a idéia contida no predicado.

8. **Constituição do sujeito.** Sendo o sujeito um ser, só o podem representar o substantivo e os equívalentes dêste. Assim, figuram como sujeito:

a) um ou mais substantivos: *A ÁGUIA voa, a SERPENTE rasteja. O TIGRE, o LEÃO, o LEOPARDO e a PANTERA são carnívoros.*

b) um ou mais pronomes: *EU trabalho e TU folgas. QUEM está aí? ALGUÉM fêz isto. O homem QUE trabalha honradamente merece recompensa. NÓS e ÊLES veremos isto. MUITOS são os chamados e POUÇOS os escolhidos. AQUILO é perigoso.*

c) uma ou mais palavras substantivadas: *“O INSENSATO não recebe as palavras da prudência”* (Pereira de Figueiredo, Bíblia, 2º, 141). *“Êstes ONDES e êstes DONDES não se costumam registrar nos livros das mercês”* (Vieira, Serm., 3º, 237). *“Os VIVOS são pó levantado; os MORTOS são pó caído”* (Ibidem, 2º, 158). *“O POR QUÊ e o COMO das cousas desafiam a nossa razão. Um TOMA vale mais que DOIS TE DAREI”* (Provérbio). *“O SIBILAR das rajadas também cessou completamente”* (Herc., Eurico, 51).

d) um ou mais infinitivos: *“Seria impossível DESCONHECER neste homem extraordinário o Salvador”* (Monte Alverne, Obras Orat., 1º, 238). Pode o infinitivo sujeito estar precedido da preposição *de*: *“FOI ordenado DE IREM lá!... Lourenço Martim e Daniel Ingres”* (Fernão Lopes, D. João I, c. 48). *“... a Deus aprouve DE DAR tanta vitória e tanto bem ao nosso bom rei”* (Zurara, Cron., 1º, 36). *“Tão gloriosa emprêsa em prol da pátria / Cometeu e per fez, que já desaire / Real seria DE a DEIXAR sem prêmio”* (Garret, Camões, VI, 7, 111-112).

e) uma locução quantitativa unida a um numeral seguido ou não de substantivo (*cêrca de, perto de, passante de, acima de, mais de, menos de, obra de, que de, etc.*): *“MAIS DE SETE SÉCULOS são passados depois que tu, ó Cristo, vieste visitar*

a terra" (Herc., Eur., 33). "Detrás de uns medões estavam lançados OBRA DE SETENTA MOUROS em cilada" (Barros, Dec. 1º, c. 13, 54).

f) um partitivo: "DÊLES (= alguns) traziam tições acesos" (Castanheda, História, L. I, c. 45, p. 97). "DÊLES bradavam por lenha" (Fernão Lopes, D. João I, c. 12). "Não faltam DESTAS ÁRVORES pelos nossos países" (Vieira, Serm., 5º, 163). "Ao lado de tôdas as cruzes, aparecem DÊSSES VULTOS COMPASSIVOS" (Júlio Diniz, As Pupilas, 57).

g) uma frase: "GENTE DE PORTUGAL! GENTE DE PORTUGAL!" reboa pelas abóbadas" (Castilho, Q. Hist., 1º, 110). "Não espanta QUE OS MUROS DA IGREJA APRESENTEM UMA BARREIRA INACESSÍVEL A TÔDAS AS EMPRÊSAS DA IMPIEDAD" (Monte Alverne, Obras Orat., 1º, 192).

9. Classificação do sujeito. O sujeito pode ser:

a) **Simple**s, quando exprime um ser só ou vários seres semelhantes significados num único substantivo, palavra substantivada, pronome, infinitivo ou frase: "UM SINO soa límpido. Passam TRABALHADORES ainda estremunhados; rodam VEÍCULOS" (Coelho Neto, Mano, 70).

b) **Composto** ou **múltiplo**, quando designa seres diferentes, expressos por várias palavras, apenas juxtapostas ou então ligadas pelas conjunções e, nem, ou, tanto... como, assim... como, não só... mas também (mas ainda, senão também), quer... quer, já... já, etc.: "Ficaram sós um momento O BISPO E O FRADE" (Garret, O Arco de Sant'Ana, 70). "Que serão AS VIUDEZES, AS ORFANDADES, OS DESAMPAROS?" (Vieira, Serm., 1º, 57). "NEM A PRIMAVERA com as suas flores, NEM O ESTIO com as suas espigas, NEM O OUTONO com os seus frutos, NEM O INVERNO com os seus frios e neves... podem estar parados um momento" (Vieira, Ibidem, 112). "E ASSIM O REI COMO TÔDA A CÔRTE se converteram" (Ibidem, 87).

c) **Complexo** ou **ampliado**, quando acompanhado de modificadores (adjetivos ou expressões a êstes equivalentes):



“O MURMÚRIO IMENSO DO ARRAIAL foi amortecendo grandemente com o fechar da noite” (Herc., Eur., 183). “O LUTO DO CÉU harmonizava-se com a tristeza dos homens” (Rebello da Silva, A moc. de D. João V, 2º, 175).

d) **Incomplexo** ou **inampliado**, quando carece de modificadores: “VERDADE, AMOR, RAZÃO, MERECIMENTO / *Qualquer alma farão segura e forte; / Porém FORTUNA CASO, TEMPO, SORTE / Têm do confuso mundo o regimento*”. (Camões, Sonetos). “IRACEMA passou entre as árvores” (Alencar, Iracema, 35). “BÁTEGAS rufam nas telhas. Por entre as frinchas das janelas afuzilam CLARÕES” (Coelho Neto, Mano, 121).

e) **Claro** ou **expresso**, quando enunciado na frase: “Só vós, Senhor da minha alma, sois o grande em tudo” (Fr. Tomé de Jesus, Trab., 1º, 149). “A LUA passava então nas alturas do céu” (Herc., Eur., 218).

f) **Oculto** ou **elíptico**, quando não se acha enunciado na oração, mas facilmente se subentende. “Deves (tu) ir, é tempo que vás” (tu) (Garret, O Arco de Sant’Ana, 121). “Tanto de meu estado me acho (eu) incerto / Que em vivo ardor tremendo estou (eu) de frio; / Sem causa juntamente choro (eu) e rio (eu), / O mundo todo abarco (eu) e nada aperto (eu)” (Camões, Soneto 3).

g) **Determinado**, quando, ou claro ou elíptico, é conhecido e certo: “Soou A HORA DO SACRIFÍCIO — grita JESUS CRISTO aos seus discípulos: — O FILHO DO HOMEM vai ser entregue aos pecadores: levantai-vos (vós subentendido) e segui-me (vós subentendido): O TRAIADOR se aproxima” (Monte Alverne, Obras Orat., 142).

h) **Indeterminado**, quando se atribui o predicado a um ente humano que se desconhece ou que não se quer declarar. Para isso recorre-se à 3ª pessoa do plural e a certos pronomes indefinidos, principalmente o pronome se, que, em tal caso, não é propriamente sujeito, mas simples índice de indeterminação subjetiva: “DIZEM lá que é melhor uma arte que um reino” (Ant. Ferreira, Bristo, ato II, cena 2ª). “Nisto BATERAM

à porta da torre com muita pressa” (Morais, Palmeirim, I, 259). “Também em Roma SE MORRE” (Vieira, Serm., III, 39). “Não SE TRATA agora de satisfazer ódios ou parcialidades civis: TRATA-SE de salvar o império” (Herc., Eur., 73). “PRECISA-SE de estratégia” (Castilho, Fausto, 199). “Do revelim SE DESCE ainda por dez ou doze degraus” (M. Godinho, Relação da Viagem da Índia, 72). “ALGUÉM vela talvez no paço de Mervan” (Herc., L. e Narr., I, 18). “Quanto UM tiver menos de esperança, tanto menos terá de medo” (Bernardes, Nova Floresta, I, 321).

**Observações.** I. Em algumas frases, é só em aparência composto o sujeito constituído de dois ou mais elementos. Não se pode atribuir o predicado a uma só ou a cada uma das partes de tal sujeito e sim ao conjunto delas, que formam um todo uno e indivisível: TRÊS E DOIS são cinco. “JEJUAR E GUARDAR PÃO não é abstinência, é avareza”. (Vieira, Serm., IV, 69). PODER FAZER MAL E NÃO O FAZER é milagre da graça” (Ibidem, XI, 332). Carneiro Ribeiro (Serões Gramaticais, p. 507) dá êstes exemplos a tal respeito: “CRER EM JESUS CRISTO E VIVER COMO PAGÃO é grande absurdo” (Vieira). “O ROXO DE VIOLETA, O ANIL, O VERDE, O AMARELO, O ALARANJADO E O VERMELHO, misturados em devida proporção, produzem o branco”. Idêntico reparo faz Fernando Brunot (La Pensée et la Langue, 2ª ed., p. 12), aduzindo o seguinte exemplo: “PROFESSER UNE DOCTRINE ET PRATIQUER UNE AUTRE est une indignité.” “PROFESSAR UMA DOUTRINA E PRATICAR OUTRA é uma indignidade.” A indignidade, diz êle, resulta da contradição entre os dois atos, que formam um todo, havendo só um sujeito.

II. Quando a forma verbal é perfeitamente característica ou o sentido assaz claro, escusa exprimir o sujeito, salvo havendo ênfase ou contraste: “CONFESSO que me VI perplexo e duvidoso no que DEVIA fazer” (M. Godinho, Rel. da Viag. da Índia, 129).

III. O substantivo **homem**, sem artigo e equivalendo um tanto ou quanto ao pronome indefinido francês *on*, servia, na linguagem arcaica, de indicar o sujeito indeterminado, nas frases de sentido geral: “Eu digo que **HOMEM** deve d’aver paz” (Castelo Perigoso em Textos Arcaicos de Vasconcelos, p. 49). “... às vêzes acontece o que **HOMEM** não cuida” (A. Ferreira, Cioso, IV, c. 1ª Cf. Sá de Miranda, Os Estrangeiros, ato III, c. 4ª; Bernardim Ribeiro, Egloga I, v. 200, II, 321, 367, etc.; Camões, Lus., III, 69 e muitos outros).

Na linguagem popular assim de Portugal como do Brasil, emprega-se, diz com o valor de *dizem* ou *diz-se*: “DIZ que lá não sei onde se ajuntaram as lebres a conselho” (D. Francisco Manoel de Melo, Apol. Dial.,

I, 123). “Desejava falar, podendo ser, a um grande sábio/, que DIZ que mora aqui” (Castilho, Fausto, 131). “DIZ que a velhice é nova infância! história;/ não é tal” (Ibidem, 27).

IV. Em certas construções constituídas com um verbo regente e um infinitivo, podem fazer de sujeitos dêste os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos, o, a, os, as, lhe, lhes*. Ocorre isto principalmente depois dos verbos *fazer, deixar, mandar, ver, ouvir* e *sentir*: “O’ Senhor Inocência Pires, não. ME FAÇA CAIR em cismas” (Rebello da Silva, A moc. de D. João V, I, 58). “Não NOS DEIXEIS CAIR em tentação.” “DEIXAI-O REPOUSAR” (Garret, Camões, c. III). “Para quê ME MANDA CALAR?” (J. Diniz, As Pupilas, 295). “Pequenas coisas FAZEM-LHE PERDER o equilíbrio” (Ibidem, 228). “Muitas vêzes TE VI CORAR ainda...” (Ibidem, 264). “Nunca mais ME OUVIRÁS FALAR nisto” (Ibidem, 265). “Os corações mais fechados a arroubamento de amor SENTEM-SE EMBRANDECER” (Ibidem, 190). Neste caso, pode ainda o sujeito do infinitivo, que é, ao mesmo tempo, objeto do verbo finito, ser representado por um substantivo ou pronome precedidos da preposição *a*: “Então veio o dilúvio e FEZ PERECER A TODOS” (Pereira de Figueiredo, Bíblia, Ev. de S. Lucas, 17, 27). “A MUITOS FEZ PERDER a vida e a terra” (Camões, Lus., III, 23).

10. **Orações sem sujeito.** Em português, como em todos os idiomas indo-europeus, há certos tipos de frases desprovidas de sujeito. Nelas figura somente o predicado, com o seu verbo na 3ª pessoa do singular, sem referência a nenhum ser a que se atribua o fato por êle expresso. O espírito percebe tais frases claramente, tomando-as como um todo, sem reclamar para elas a dualidade normal dos termos lógicos — *sujeito* e *predicado*. Enunciado êste, está a frase completa, e o nosso intellecto nada mais exige para compreendê-la. Denominam-se estas frases **ORAÇÕES SEM SUJEITO**. Quando se diz: “CHOVE.” “TROVEJOU TÔDA A NOITE.” “NEVA.” “FAZ FRIO,” etc., significam-se fatos de intuição imediata, não havendo necessidade de se inquirir qual o agente dêles. O verbo, só ou seguido de termos que o modifiquem, basta para a integral compreensão do pensamento.

Ocorrem as orações sem sujeito:

a) Com os verbos que designam fenômenos meteorológicos ou cósmicos: “Quando TROVEJA em março, aparelha os cubos e o braço” (Prov. português). “Se não CHOVER entre

maio e abril, venderá el rei o carro e o carril” (Idem). “*Em todo o dia... não CESSOU DE NEVAR*” (Sousa, Vida do Arceb., I, 191). “*Tôdas as madrugadas infalivelmente CHUVISCA nesta ilha*” (Estácio do Amaral, História trágico-marítima, VII, cap. 4º, p. 31).

Em sentido figurado aparecem tais verbos acompanhados de sujeito: “*Do Zéfiro a mansão, do Euro a mansão TROVEJA*” (Castilho, Georg., I, p. 49). “*El rei partiu daí à meia-noite e FOI AMANHECER à Galegã*” (Fernão Lopes, D. João I, 1º, 178). “*Sangue CHOVA o ar*” (Camões, Son., 330). “*... em tantos dias quantos vivemos, nunca nos AMANHECEU A LUZ DO SOL.*” (Vieira, Serm., 1º, 144/144). “*Quantos AMANHECERAM e não ANOITECERAM*” (Vieira, Serm., 1º, 235). “*A esperança ANOITECEU na sua alma*” (Rebello da Silva, A mocidade de D. João V, 2º, 122).

b) Com o verbo HAVER em frases que denotam existência e duração: “*HAVIA, contudo, povoações fixas naqueles êrmos; HAVIA habitações humanas, porém não de vivos*” (Herculano, Lendas e Narrativas, I, 4). “*HÁ muitos edifícios nobres, se bem que de arquitetura ordinária*” (Sousa, Arcebispo, 1º, 167). “*Dez meses HAVIA que o Arcebispo residia em Braga*” (Ibidem, 169).

No português antigo e ainda hoje em escritores arcaizantes, o verbo *haver* em frases tais vem às vezes junto com o advérbio *i* ou *aí*: “*nas horas não HÁ I mudança*” (Gil Vicente, Auto da Mofina Mendes). “*Em cidade nem aldeia / Não HÁ I lume para ela*” (Ibidem). “*Quem HÁ AÍ que, vendo que é terra, ouse ter presunção?*” (Heitor Pinto, Imagem, v. 1º, 41). “*HÁ AÍ razão para suspiros?*” (Castilho, Quadros Históricos, 1º, 116).

No português popular, depara-se-nos, de quando em quando, o sujeito aparente *êle*: “*Oh! ÊLE HÁ frade no caso*” (Garret, Viagens na minha terra, 149). “*Pois se êle HÁ dores como lâminas de ferro enterradas no peito*” (Camilo, O Senhor do Paço de Ninães, 140). “*O frade mostrava as cartas ao irmão e digia-lhe: ÊLE HÁ coisa.*” (Idem, A brasileira de Prazins, p. 30). Certos escritores costumam empregar como

pessoal o verbo *haver* em frases existenciais, dando-lhe por sujeito o que pròpriamente é objeto direto: “*Tais HAVIAM que certificavam que o Mestre era morto.*” (Fernão Lopes, D. João I, 1º, 48). “*HAIAM festas de prazer. HAIAM cantos para ouvir*” (Camões, Auto de el rei Seleuco, no 2º vol. das Obras, p. 474). “*Passando-se depois a deliberar particularmente, HOUVRAM diversas opiniões*” (José L. Freire de Carvalho, Anais de Tácito, v. 1º, p. 35). “*Assim não HAVERIAM usuras e fraudes no comércio. Não HAVERIAM os excessos e infâmias que degradam a mocidade*” (Monte Alverme, Obras orat., 1º, 10). Não é sintaxe digna de imitar.

c) Com o verbo FAZER na expressão de fenômenos astronômicos ou atmosféricos ou para indicar desde quando um fato aconteceu ou está durando: “*Quando chove e FAZ sol, alegre está o pastor*” (Provérbio). “*Bem trinta anos haverá / Ou creio que OS faz agora*” (Gil Vicente, Auto da Mofina Mendes, Obras, 1º, 112). “*FAZ agora três anos e um dia... que neste mesmo lugar te jurei estar hoje.*” (Herculano, O Bobo, c. 8º, p. 134). “*FAZ agora cinco meses que tu passavas as noites a pé ao meu lado*” (Camilo, Onde está a felicidade?, 224). Também na locução *fazer mister*, carece a frase de sujeito: “*Não FAZ MISTER, de pé sou*” (Antônio Prestes, Autos, ed. de F. Noronha, p. 140, apud Epifânio Dias, Sint. Hist., p. 5).

d) Com o verbo SER em certas frases: “*ERA no tempo alegre, quando entrava / No roubador de Europa a luz febéia*” (Camões, Lus., II, 72). “*Estava lavado em sangue: ERA uma ferida do pescoço que o excesso da comoção lhe fizera arre-bentar*” (Garret, Viagens, p. 237). “*ERA na entrada do estio dêste ano de 1560*” (Sousa, Arceb., v. 1º, 134). “*ERA alta noite quando cheguei à montanha*” (Herc., Eurico, 61). “*SEJA como te aprouver*” (Ibidem, 65). Não há tão pouco sujeito na expressão de refôrço formada com o verbo ser seguido de *que* (*é que, era que, foi que, etc.*): “*ERA por isso QUE o poeta escondia as suas terríveis inspirações*” (Herc., Eur., 19). “*FOI aí QUE o destino preparou a separação dos dois guerreiros*” (Ibidem, 56).



Também com o verbo *ser* impessoalizado sói encontrar-se o sujeito aparente *ê*le, mas na linguagem popular: “*Pois sempre ÊLE será verdade?*” (Garret, Arco de Sant’Ana, 55).

e) Com ESTAR nas frases *está bem, está mal*: “*ESTÁ bem, tudo se fará.*”

f) Com IR e VIR em algumas frases: “*Cada um diz da feira como nela lhe VAI*” (Provérbio). “*Mal VAI à casa onde a roca manda mais que a espada*” (Idem). “*Quando FOI à quarta-feira, foi o Arcebispo dizer missa a São Marcos*” (Sousa, Arceb., v. 1º, 200). “*Quando VEIO pela manhã... começaram dar grande grita*” (Barros, Dec., I, L. I, c. XI).

g) Com COMER (= *coçar*, falando de prurido) e DOER: “*Onde lhe DÓI? Onde lhe COME?*” (Epifânio Dias, Sint. Hist., p. 8). “*DÓI-me agora... não me DOIA*” (Garret, Viagens, p. 221).

h) Com CHEIRAR em frases como: “*Não CHEIRA bem aqui*” (Epifânio Dias, obra cit., p. 8). “*CHEIRA a mar, a peixe, a fartum*” (Raul Brandão, Os Pescadores, p. 50).

i) Com TOCAR e TANGER em umas poucas de frases, significando *dar sinal para alguma cousa*: “*Já TOCOU a recolher*” (E. Dias, obra cit., ibidem). “*TANGE a capítulo*” (Ibidem).

j) Com DAR nas expressões: “*não se me DÁ, não se te DÁ, não se lhe DÁ*” etc., no sentido de *importar, fazer caso*: “*Pouco se nos DÁ disso*”: “*... não se lhe DÁ do que julgam nem do que dizem os homens*” (Vieira, Serm., 1º, 239). “*... que se lhe DÁ ao penitente do juízo dos homens?*” (Ibidem, p. 240).

**Observação.** Quando êstes verbos formam perífrases com outros, tornam-se impessoais os seus auxiliares: “*DEVE HAVER muitas riquezas naquela região. Durante todo o dia... não CESSOU DE NEVAR*” (Sousa, Arceb., v. 1º, 191). “*Também nesta obrigação não DEIXOU DE HAVER opiniões bem contrárias*” (D. Francisco Manuel de Melo, Carta de guia de casados, p. 107). “*Não PODE HAVER palavras nem mais parecidas, nem mais encontradas com o texto de S. Mateus*” (Vieira, Serm., v. 1º, 79). “*Nos geruis da Universidade de Valência COSTUMA HAVER práticas espirituais*” (M. Bernardes, Nova Floresta, v. 5º, p. 41).